

TRABALHO DE CONCLUSÃO DA DISCIPLINA LEITURAS DE
ANTROPOLOGIA CRÍTICA

Professora Carolina de Camargo Abreu

LUIS GUSTAVO CORDEIRO STURIAN

N. USP 6836240

O

M

E

D

O

ESTADÃO | POLÍTICA + ECONOMIA + INTERNACIONAL + ESPORTES + SÃO PAULO + CULTURA + MAIS + SERVIÇOS + OUÇA A RÁDIOS

São Paulo

le também faz parte da 'ação direta' | levar? | abertura da Copa

Brechas de segurança

BLACK BLOCS PROMETEM CAOS NA COPA COM AJUDA DO PCC

Protagonistas das ações mais espetaculares da rede anarquista não foram nem sequer fichados pela polícia

Lourival Sant'Anna

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100

A+ A-

793

71

273

2.5k

ESTADÃO | POLÍTICA + ECONOMIA + INTERNACIONAL + ESPORTES + SÃO PAULO + CULTURA + MAIS + SERVIÇOS + OUÇA A RÁDIOS

São Paulo

Alckmin diz que polícia vai prender black blocs

ADRIANA FERRAZ - O ESTADO DE S. PAULO
21 Junho 2014 | 18h 02

Grupo destruiu carros de luxo em ato. "A polícia está empenhada em responsabilizá-los", afirmou o governador

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou ontem de manhã que a polícia já tem a identificação de alguns dos black blocs que promoveram atos de depredação e vandalismo durante manifestação promovida pelo Movimento Passe Livre (MPL) na quinta-feira. De acordo com ele, equipes da Polícia Civil podem efetuar as prisões a qualquer momento.

"O que nós queremos é prender os criminosos, que promovem vandalismo, destroem patrimônio público e privado e ameaçam a integridade das pessoas. Nós já identificamos alguns e a polícia está empenhada em prendê-los e responsabilizá-los", disse Alckmin, em evento neste sábado na zona norte da capital paulista. Cinco agências bancárias e uma concessionária de veículos foram atacadas no

8 COMENTÁRIO(S)

DÊ A SUA OPINIÃO

SATINE LECLARCK
24/06/2014 05:54
S seguradora que pague o reparo dos carros. Vândalo é o governador! que se tivesse vergonha na cara já teria sumido da vida pública.
DENUNCIAR

MARCOS MAGNETI
22/06/2014 07:36
Sem dizer que vandalizam patrimônio alheio que não tem nada a ver com copa e o que o país esta passando. O povo esta cansado desses tais black blocs que dizem estar "protestando para melhorar o país", a grande maioria é que nem aquele garoto que o pai fui buscar pelo pescoço dias desses (...) Tem escola, transporte e plano de saúde.
DENUNCIAR

EDIVELTON TADEU MENDES
22/06/2014 05:12
O comandante da PM errou ao acreditar em sindicalista e desta forma deve perder o posto e a patente, pois São Paulo não é um Estado de faz de conta!
DENUNCIAR

Explorar a dimensão subjetiva da política e dos diversos discursos acerca das instituições e dos movimentos sociais parece ser uma tarefa premente para os dias que correm.

Insegurança, caos social, ordem pública, vandalismo, prisões políticas, flagrantes forjados e criminalização dos movimentos sociais são algumas das ideias que voam, chocam-se e permeiam o debate político no Brasil na atualidade.

O Black Bloc surge então na cena nacional enquanto tática de protesto no contexto de manifestações sociais, emergindo de uma concepção anticapitalista, de inspiração anarquista, visando à ação direta e ao anonimato¹:

Sobre

" Nossa Pátria é o mundo inteiro, nossa Lei é a Liberdade." — Pietro Gori.

Descrição

Black bloc é o nome dado a uma estratégia de manifestação e protesto anarquista, na qual grupos de afinidade mascarados e vestidos de negro se reúnem com objetivo de protestar em manifestações anti-globalização e/ou anti-capitalistas, conferências de representacionistas entre outras ocasiões, utilizando a propaganda pela ação para questionar o sistema vigente.

As roupas e máscaras negras que dão nome à estratégia são usadas para dificultar ou mesmo impedir qualquer tipo de identificação pelas autoridades, também com a finalidade de parecer uma única massa imensa, promovendo solidariedade entre seus participantes e criando uma clara presença revolucionária.

Black blocs se diferenciam de outros grupos anti-capitalistas por rotineiramente se utilizarem da destruição da propriedade para trazer atenção para sua oposição contra corporações multinacionais e aos apoios e às vantagens recebidas dos governos ocidentais por essas companhias. Um exemplo desta atividade é a destruição das fachadas de lojas e escritórios como McDonald's, Starbucks, Fidelity Investments, e outros locais relacionados às corporações no centro de Seattle, durante as manifestações contra a Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio de 1999.

Informação Geral

Existe um entendimento, principalmente entre os noticiários das mídias comerciais de massa, que o "black bloc" é uma organização internacional de algum tipo. No entanto, não mais que uma tática utilizada por grupos de manifestantes sem muitas conexões. Existem vários grupos black bloc dentro de uma única manifestação, com diferentes formas e táticas.

¹ Extraído da página Black Bloc RJ, facebook, acessado em 28/06/2014.

Por outro lado, a produção discursiva que a prática *black bloc* suscitou e suscita é múltipla e diversa, podendo-se relevar tanto os discursos de órgãos governamentais e midiáticos como os diferentes discursos no interior dos próprios movimentos sociais.

Nesse sentido, evocando Norbert Lechner, presumiremos que a política é construída e permeada por desejos e por medos². Assim, para além da política e das instituições em si, há um significado político no interior desses discursos e desses sentimentos de medo e de incerteza que são suscitados ao longo do curso histórico nas arenas social e política, podendo-se dizer que o mesmo acontece com o fenômeno *black bloc*.

Não nos é alheio que esta abordagem temática e a concatenação de argumentos escolhida será, de alguma maneira, arbitrária, motivo pelo qual novamente recorreremos a Lechner:

No solamente el relato está formado por una diversidad de imágenes a la vez fragmentarias y misteriosamente unidas. La realidad misma es una infinitud de fragmentos cuya compleja vinculación desborda todo intento de ordenamiento. Lo que llamamos orden no es finalmente otra cosa que una propuesta, digamos, un intento de compartir. Pues bien, sólo compartimos lo que elaboramos intersubjetivamente; sólo entonces es nuestro mundo, nuestro tiempo. Visto así, el pensamiento político, como el arte o la moral, significa hacer visible lo colectivo, reconstruyendo contextos, relacionando creencias e instituciones, vinculando imágenes y cálculos, expresiones simbólicas y acciones instrumentales. Se trata, desde luego, de construcciones artificiales y conexiones parciales que no logran dar cuenta de los múltiples hilos que componen el tejido social. Al fin y al cabo ninguna historia es la "verdadera" y, no obstante, solamente en la medida en que nos reconozcamos (tendencialmente) en una adquiere sentido la maraña de fenómenos. Por eso deseamos el orden por encima de cualquier otra cosa y siempre soñamos en un orden mejor. Concibo el orden no como la perpetuación de lo existente, sino como su transformación. No cualquier cambio, por supuesto. Al hablar de orden siempre hacemos referencia, por lo menos tácitamente, a una utopía de buen orden.³

A arena sócio-política, nesse sentido, reflète a pluralidade de interesses e opiniões que são, por sua vez, objeto de distintas interpretações. Desse quadro releva-se então a tarefa de analisar o imaginário político, ou seja, as imagens que são formadas da sociedade na produção conflitiva da ordem vigente.

² LECHNER, Norbert. Los Patios Interiores de la Democracia: subjetividad y política. Santiago: FLACSO, 1988.

³ Idem, pp. 15-16.

A política, dessa maneira, pode ser vista como uma arena de luta pela ordem, em que o imaginário e o simbólico possuem um papel decisivo.⁴ Tomando a questão *black bloc* mais de perto, os diferentes espaços simbólico-discursivos parecem variar a depender do sujeito-referência.

Assim, do ponto de vista governamental (o que inclui os governos municipal, estadual e federal), nota-se o grande apelo para a “lei e a ordem”, bem como uma busca de estigmatizar “a priori” a ação *black bloc*, operando conceitos de vandalismo e necessidade de repressão, o que acaba por implicar não conceder voz a movimentos sociais e a vozes divergentes, como é o caso do discurso do governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, ou mesmo da Presidenta da República, Dilma Rousseff.

Tal discurso é seguido de perto pela mídia de massa, a exemplo do diário O Estado de São Paulo, que, como veremos, reproduz e alimenta o sentimento de medo estampando manchetes apocalípticas e sem o contraponto de eventuais fragilidades de suas fontes ou discursos antagônicos.

Outra não pode ser a conclusão a partir da constatação da veiculação de notícias como aquela que já se colacionou nas páginas inaugurais do presente ensaio, em que se associa o “caos” e a “organização criminosa” PCC à tática *black bloc*.

A reportagem ainda evoca a própria produção discursiva policial, colocando-se como braço armado do Estado a assegurar a execução dos discursos de lei e ordem e dar cabo à ameaça e à insegurança detonada pela emergência *black bloc*.

Para fazer frente ao medo *black bloc* e ao ameaçador horizonte de caos, então, os órgãos governamentais e policiais empreendem uma série investigações e práticas de legalidade duvidosa, olvidando-se que a ordem constitucional brasileira assegura a presunção de inocência e assegura ainda que não haverá investigação ou punição senão a atos previamente cometidos e previstos como infração criminal⁵.

⁴ Não deixamos de apontar que a palavra “ordem” não teria uma conotação positiva para os movimentos anarquistas, que vêem como nociva a autoridade instuída. No entanto, utilizamos a palavra no sentido atribuído por Lechner.

⁵ No entanto, o aspecto jurídico-institucional está além dos objetivos do presente ensaio, que pretende tão somente uma análise discursivo-simbólica acerca da questão *black bloc*.

A este respeito, Bauman observa que o “capital do medo” pode ser transformado em qualquer tipo de lucro político ou comercial e o argumento da “lei e ordem” transformou-se em um projeto que, além de comercial, é político e permeia as diversas disputas eleitorais:

A exposição das ameaças à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de massa (incrementando assim o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital do medo). Ray Surette afirma que o mundo visto na televisão parece um universo em que “policiais-cães de fila” protegem “cidadãos-ovelha” de “criminosos-lobos”.⁶

Dessa maneira, mais uma vez, os discursos hegemônicos (especialmente do eixo governos-mídia) criam um sentimento de insegurança e medo generalizados que acreditamos fundamentar e estar por trás de uma concepção de mundo autoritária e conservadora.

Segundo Bauman,

a aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinquente. (...) A insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos.⁷

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, pp. 55-56.

⁷ *Idem*, p. 15.

A+
A-

Polícia prende dois black blocs em flagrante em protesto na Paulista

LUCIANO BOTTINI FILHO E RAFAEL ITALIANI - O ESTADO DE S. PAULO
24 Junho 2014 | 11h 42

Fábio Hideki Harano, de 26 anos, e Rafael Marques Lusvarghi, de 29, são acusados de 'associação criminosa'

Atualizada às 21h02

SÃO PAULO - O secretário estadual da Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, anunciou nesta terça-feira, 23, que os dois manifestantes presos durante o ato contra a Copa, na segunda-feira, na Avenida Paulista, no centro de São Paulo, foram indiciados por associação criminosa. De acordo com ele, os acusados são os primeiros black blocs presos em flagrante pela Polícia Civil paulista. O governo Geraldo Alckmin (PSDB) fechou o cerco também contra o Movimento Passe Livre (MPL) e informou que vai convocar seus membros para depor, mesmo que o

6 COMENTÁRIO(S)

DÊ A SUA OPINIÃO



MARCELO FELIX

25/06/2014 09:27

O jornal já os julgou: São "black blocs"

DENUNCIAR



MARCELO FELIX

25/06/2014 09:23

Prisões arbitrárias a mando do estado = mídia comprada =

DITADURA

DENUNCIAR



SATINE LECLARCK

24/06/2014 03:05

Prisões arbitrárias, artefatos plantados, spray pimenta na cara depois de dominado, está dando medo do Brasil, mais especificamente se o indivíduo resolve não baixar a cabeça para os desmandos dos governo. Atenção OAB será que vai se calar sobre estado de coisas? É o fim do estado de direito democrático.

DENUNCIAR

MAIS COMENTARIOS

DÊ A SUA OPINIÃO

veja

BUSCAR

ACERVO DIGITAL

VEJA

Notícias

Temas

Vídeos e Fotos

Assine VEJA

Brasil

Celebridades

Ciência

Economia

Educação

Esporte

Internacional

Saúde

Vida



Gol.

O carro mais vendido do Brasil

Clique e saiba mais

PROTESTOS NO BRASIL

25/06/2014 - 21:03

COMPARTILHAR IMPRIMIR

Recomendar 321

+1 1

Tweet 50

t

in Share

Pintt

São Paulo

Black Bloc preso é transferido para CDP de Tremembé (SP)

Servidor Fábio Harano havia sido detido em protesto contra a Copa na Avenida Paulista. Também preso, o professor Rafael Marques permanece no 8º DP



A necessidade de encontrar criminosos a fim de restabelecer a lei e a ordem, por outro lado, gerou uma verdadeira caçada governamental, policial e midiática a manifestantes e movimentos sociais, sendo, em muitos casos, flagrante a situação dos flagrantes forjados.

O *black bloc*, então, alçado pelo governo e mídia à estatura de novo grande inimigo nacional, propiciou o surgimento de uma série de novos discursos a respeito do medo e da insegurança, o que, por sua vez, vem fundamentando prisões e indiciamentos que muitas vezes trazem indícios fortíssimos de ilegalidade e de flagrantes forjados.

Nesse sentido, para além da discussão da legalidade ou valoração da tática *black bloc*, verifica-se que o medo produzido em torno da temática justificou que veículos da mídia veiculassem em suas manchetes as prisões de pessoas que, sem qualquer prova robusta, foram consideradas como praticantes da tática, agora pecaminosa.

Segundo as reportagens colacionadas, os “*black blocs*” estampados em suas reportagens teriam sido presos por portar explosivos e por resistirem à prisão, a qual foi promovida já depois da dispersão de uma manifestação, por policiais à paisana.

No entanto, muito embora testemunhas no local tenham afirmado que os supostos criminosos não portavam qualquer substância ilegal, as prisões se mantiveram e os cativos foram encaminhados a penitenciárias, ante o decreto de suas prisões preventivas.

Enterra-se, dessa maneira, em prol do discurso político hegemônico do medo, a possibilidade de emergência de qualquer voz dissonante, bem como afasta-se, em prol da segurança e da ordem, todas as garantias previstas constitucionalmente. *In dubio pro reo* é um princípio morto.

A este respeito, na linha do indicado por Bauman, Lechner também aponta que a “cultura do medo” é típica de movimentos autoritários. O autoritarismo, dessa maneira, procura circunscrever o perigo a um objeto

visível, claramente identificável e oficialmente sancionado como “mau”, para que o temor e o medo se mantenham sob controle.⁸

As vozes dissonantes, por sua vez, são transformadas pelo discurso oficial autoritário em “desvio” e “subversão”, impondo-se um processo de normalização cuja impossível missão é abolir as diferenças, tratando-as como transgressão à norma e digna de repressão estatal policial.

O discurso governamental de lei e ordem, então, agudiza a necessidade de ordem contra a ameaça do caos e apresenta a si mesmo como a única solução possível, propagando a cultura do medo e elevando os índices de repressão e punições exemplares.

Por outro lado, o discurso oficial busca apoiar-se em uma legitimação popular por meio da promessa de eliminar o medo: resulta uma sociedade policialesca e hierarquizada, em que cada um deve cumprir o papel que lhe caberia “a priori” nessa sociedade.

No entanto, dirá Lechner, o autoritarismo elimina o medo gerando novos medos, propiciando um contexto atomizado e de isolamento. Desenvolve:

El individuo aislado tiene dificultades de verificar su subjetividad, confrontándolo con experiencias diferentes. Se diluyen entonces los límites entre lo real y lo fantástico, lo posible y lo deseado. En tales condiciones difícilmente se podrá elaborar una visión realista. Y esa falta de realismo político, o sea, la incapacidad por determinar los cambios posibles, termina por fortalecer el poder fáctico de lo establecido. El descontento con el estado de cosas existente deviene narcisista, autocomplaciente y, en definitiva, autodestructor. Ello nos remite a lo que me parece sea el efecto políticamente más grave de la agresión autoritaria: la erosión de las entidades colectivas.⁹

Lechner então apontará que o autoritarismo lida com os medos apropriando-se deles. Apropria-se dos medos existentes ideologizando-os. Disso resulta uma resignificação quase teológica dos medos, que oblitera qualquer referência às ameaças reais, transformando-as em forças demoníacas como o caos, o comunismo ou o *black bloc*.

Nesse sentido, se outrora a igreja se apropriava dos medos da peste e das catástrofes reinterpretando-as sob a forma de um medo do pecado, hoje o

⁸ LECHNER, op. cit., p. 96.

⁹ LECHNER, op. cit., p. 101.

autoritarismo poderá reelaborar os medos concretos sob a forma de medo do caos e também de medo *black bloc*.

Este autoritarismo não mobiliza ou doutrina como o fascismo, mas possui penetração subcutânea: basta trabalhar os medos, isto é, demonizar os perigos percebidos de modo que se tornem intangíveis.

A instrumentalização dos medos, então, como se vê, é um dos principais dispositivos de disciplinamento social e a violência do estado policaresco não é atribuída ao autoritarismo, mas sim ao caos e à necessidade de ordem.

É válido notar que mesmo os governos comandados por partidos uma vez tidos como progressistas passaram a adotar o discurso do medo. Nesse sentido, a presidenta da república Dilma Rousseff afirmou, às vésperas da copa do mundo, que não hesitará em chamar o exército para reprimir a “baderna” das manifestações durante o evento desportivo. Fernando Haddad, prefeito de São Paulo, comparou a recente greve de motoristas de ônibus do município a uma guerrilha.¹⁰

Como se vê, o recurso ao militarismo e o discurso autoritário são compatíveis não apenas com um regime político claramente identificado como ditaduras, mas também com as atuais arenas políticas consideradas democráticas.

DISCURSOS

MARGINAIS

No entanto, não é de maneira uniforme que os diversos atores sociais se posicionam frente ao caos produzido pelos discursos oficiais, bem como frente à questão *black bloc*.

¹⁰ Extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2014/05/1462952-a-imagem-do-brasil.shtml>, acessado em 04.07.2014.

Há discursos marginais que demonstram que, mesmo no contexto dos movimentos sociais, há vozes antagônicas em disputa, inclusive frente à questão *black bloc*.

Dentro desse contexto, há os que defendem a prática *black bloc* enquanto tática de legítima defesa contra a repressão policial e contra os antagonismos do capital e há ainda os que apontam que o *black bloc* contribui antes para uma desmoralização e deslegitimação das pautas defendidas pelos movimentos sociais.

Assim, na primeira concepção, o *black bloc* poderia ser interpretado como resistência à opressão dos poderes instituídos, da propriedade privada e da exclusão social, partindo da constatação de que uma democracia representativa liberal não traz ganhos em emancipação social e humana.

O *black bloc*, então, funcionaria como uma espécie de legítima defesa contra a arbitrariedade do poder. Frente à incapacidade e sensação de impotência diante de remoções forçadas, por exemplo, a destruição dos vidros de um banco agridiria simbolicamente o poder do capital e do estado instituído, ainda que não represente um prejuízo financeiro substantivo frente ao montante de seus lucros.

Podem ser vistos, nesse sentido, enquanto mais um ator social cujo “vandalismo” representa uma reação simbólica à opressão da exclusão social e da arbitrariedade do poder.

Há vozes, no entanto, que, mesmo no interior de movimentos sociais, colocam-se contrárias à prática *black bloc*, como é o caso, por exemplo, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), que entende que a ação *black bloc* é descolada de uma ação tida como uniforme de determinado movimento social.

O PSTU ainda argumenta que a tática *black bloc* confere argumentos à burguesia para trabalhar a opinião pública no sentido da rejeição das causas sociais e das manifestações, “descolando-se das massas”, “fazendo o jogo da direita” e “justificando a repressão”.¹¹

¹¹ Extraído de <http://www.pstu.org.br/node/19855>, acessado em 04.07.2014.

Não ignoramos que ainda outras argumentações podem ser tecidas favorável ou contrariamente ao *black bloc*, mas acreditamos que os discursos do “medo” ou do “medo do medo” não contribuem para desmistificar a questão.

Nesse sentido, cremos que, se o espaço da rua é o espaço do imprevisível e da exposição de “ameaças”, é também o espaço do aberto e das novas possibilidades.

Por outro lado, o peso emocional e afetivo que sobrecarrega o debate político deve dar conta dos medos produzidos pelos diversos discursos sociais, com vistas a um ambiente de construção intersubjetiva da coletividade política.

Se para as democracias liberais basta considerar a representação política como um cálculo procedimental de custos e benefícios, acreditamos que há uma dimensão subjetiva (e intersubjetiva) e simbólica na elaboração do político que deve ser enfrentada, uma vez que a ficção da racionalidade formal parece nunca ter sido capaz de verdadeiramente retirar da política o mundo das paixões, emoções e temores, os quais, contidos e reprimidos, legitimam uma suposta resposta racional-formal autoritária e repressiva.

A subjetividade e o medo tratados publicamente, então, como objeto da própria política, antes de gerar irracionalidade, permite vislumbrar aspectos que, normalmente dormentes, integram a experiência social.

Não acreditamos existir uma resposta valorativa, nesse contexto, à tática *black bloc*. Desejamos salientar, no entanto, que o uso simbólico que os discursos oficiais conferiram a essa prática está legitimando o endurecimento da repressão e o alastramento de flagrantes forjados, com vistas a dar uma resposta ao “medo” e à “ameaça” criados por esses mesmos discursos oficiais, o que, como vimos, é típico de uma sociedade autoritária.

Nesse sentido, já colacionamos que as recentes prisões de Fabio Hideki Harano e de Rafael Marques, após a dispersão de uma manifestação pela polícia, foram realizadas sob filmagens e olhares de testemunhas que negaram os fundamentos pelos quais as forças de repressão os encarceraram, taxando-os unilateralmente de *black blocs*.

A Justiça, até o momento, tem mantido suas prisões, antes mesmo de produzir provas e de qualquer sentença condenatória. Projetos de lei tramitam

por diversas câmaras legislativas pelo país com vistas a regulamentar e restringir o direito de manifestação popular. As pesquisas eleitorais vão indicando a permanência dos governantes e a continuidade de um debate público permeado por uma pauta conservadora.

Por outro lado, os movimentos sociais prometem continuar se apoderando das ruas e levando adiante suas reivindicações. A arena virtual e das redes sociais, não obstante tenham um evidente aspecto de controle social, também se apresentam como forma de agregar pessoas e causas com relevante velocidade, deixando em aberto o horizonte para o qual o atual “medo *black bloc*” pode levar, pela via da repressão ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LECHNER, Norbert. Los Patios Interiores de la Democracia: subjetividad y política. Santiago: FLACSO, 1988.